

ROMPENDO O CICLO DA VIOLÊNCIA: VOZES FEMININAS NEGRAS EM *O OLHO MAIS AZUL*

Norma Diana Hamilton (Professora Adjunta no Instituto de Letras da UnB)

RESUMO

Este artigo analisa o tema da violência contra mulheres negras no romance *O Olho Mais Azul* (1970) da escritora afro-estadunidense Toni Morrison. As minhas análises são desenvolvidas com base nas perspectivas dos estudos feministas e de gênero, articulados aos estudos de raça e racismo. Dentre as minhas constatações, resalto que esse romance foi muito relevante para a época de sua publicação – e ainda tem relevância nos dias de hoje –, tendo em vista sua grande contribuição para a visibilidade das experiências das mulheres negras.

Palavras-chave: violência contra mulheres negras; interface de raça e gênero; resistência

ABSTRACT

The aim of this article is to analyze the theme of violence against Black women in the novel *The Bluest Eye* (1970) by the African American writer Toni Morrison. My analyses are grounded on the perspectives of feminist and racial studies. Among my findings, I highlight the importance of this novel today and especially in the era in which it was published, due to the great contribution it has had in making the experiences of Black women visible.

Keywords: violence against Black women; race and gender; resistance

Este artigo analisa o tema da violência contra mulheres negras no romance *O Olho Mais Azul* (1970) da escritora afro-estadunidense Toni Morrison. As minhas análises são desenvolvidas com base nas perspectivas dos estudos feministas e de gênero¹, articulados aos estudos de raça e racismo. A visibilidade de escritoras negras em geral tem sido muito lenta e difícil, em função das múltiplas opressões sofridas, principalmente como consequência de sua condição de ser mulher, negra, e muitas vezes, pobre. No contexto brasileiro, poucas obras literárias de escritoras afro-estadunidenses têm sido traduzidas e publicadas, em comparação aos numerosos trabalhos de escritores brancos estadunidenses. No entanto, Toni Morrison teve considerável reconhecimento no Brasil – pelo menos sete de seus romances foram traduzidos e publicados –, em virtude de sua premiação com o Nobel da literatura de 1993. Ela foi a primeira escritora negra a conquistar esse prêmio; sua conquista representa um começo do reconhecimento da significância da obra das escritoras negras que não podem ser mais negligenciadas no campo literário.

Morrison nasceu em 1931 na cidade de Lorrain, Ohio de uma família afro-estadunidense da classe trabalhadora. Teve a oportunidade de estudar em duas das melhores universidades nos EUA, e se tornou, além de uma escritora reconhecida mundialmente, editora e professora na Universidade de Princeton. Ela tem mais de dez romances publicados, além de livros de crítica e teoria literária. Hoje, apesar de ser aposentada, Morrison ainda participa de eventos sociais, em prol de direitos para as mulheres negras e para o povo afro-estadunidense como um todo.

A partir dos anos 1960, essa escritora teve parte ativa no movimento feminista afro-estadunidense que foi fruto da iniciativa das ativistas negras de se consolidarem como um grupo distinto. Através desse movimento, elas podiam articular a questão de raça, que os movimentos feministas inicialmente não tratavam, assim como questões de gênero, ainda hoje pouco contempladas nos movimentos de raça. A publicação da antologia, organizada pelas feministas afro-estadunidenses Glória Hull, Patricia Scott e Barbara Smith, sobre

¹ Há uma tentativa neste artigo de evitar o reforço da universalidade de categorias relacionadas a gênero e raça, por exemplo a de *mulheres* definidas anteriormente a partir de uma categoria universal, quando na verdade, referia-se apenas às mulheres brancas. Ao exprimir sua preocupação com a naturalização de categorias específicas como universais, o pesquisador brasileiro branco Luis Felipe Miguel expõe que, em função da reprodução de relações de poder e a sobreposição das vozes de grupos dominantes na representação universal, “só as mulheres têm sexo, só os negros têm cor, só os trabalhadores pertencem a uma classe social, só os gays têm orientação sexual” (2010: 31). Compartilhando a preocupação relacionada às consequências dessa naturalização, busco utilizar os termos *branca/negra, as/os*, etc. ao longo desta tese para representar as mulheres e os homens. Porém, destaco que alguns casos nos quais se aplicam podem ter passado despercebidos, devido à própria naturalização que desejo evitar.

estudos feministas afro-estadunidenses com o título *All the women are white, all the blacks are men, but some of us are brave*² (1982), entre outras contribuições significantes, foi um ato político, de denunciar a ilusão de imparcialidade da representação nesses grupos, tendo em vista que as referidas “mulheres” no movimento feminista eram brancas; e os referidos “negros” no movimento antirracista eram homens. Embora louváveis, as feministas negras não se identificavam com esses movimentos, tendo em vista a invisibilidade e negligência de suas necessidades específicas.

Desde a fase inicial da consolidação do feminismo negro, a literatura se constituiu um espaço significativo para a construção de um discurso crítico emancipatório e contra-hegemônico para contestar os conhecimentos e discursos dominantes opressivos. A exclusão das intelectuais negras em espaços tradicionais de produção de conhecimento fez com que elas utilizassem espaços alternativos tais como a música, a literatura, as conversas cotidianas e os comportamentos do dia-a-dia, para compartilhar suas preocupações, articular suas posições e contribuir para a construção de uma consciência feminina negra positiva. Nesse sentido, o feminismo negro abriu um espaço necessário para as manifestações e criações artísticas que se identificassem com as mulheres negras (SMITH, 1980).

O poder da representação literária como prática de resistência é indiscutível. Embora as experiências e identidades das mulheres negras em geral fossem historicamente distorcidas e marginalizadas por vozes dominantes na literatura, ora o discurso literário tem sido utilizado por escritoras negras como campo de batalha, onde elas lutam para transformar as representações marginalizantes e construir novas representações mais adequadas. A produção literária dessas escritoras constitui o engajamento, uma vez que escrevem suas vivências no papel, com ênfase dupla, isto é, nas dimensões estética e política. A feminista contemporânea Rita Felski acredita na importância dessa “dupla visão” da literatura, argumentando que a crítica literária não deveria perder de vista tanto o aspecto estético quanto o ideológico (FELSKI, 2003, p. 21).

O crítico literário brasileiro Hermenegildo Bastos reforça a ideia de que a prática literária é uma arena de luta política, e afirma que essa luta depende da eficácia estética. Para ele, a originalidade, e, portanto, o valor de uma obra literária está na realidade representada: essa literatura realista refletiria os conflitos e luta de classes. Acrescento que a literatura engajada se preocupa com as questões de raça e gênero também, como as escritoras

² Tradução livre nossa: Todas as mulheres são brancas, todos os negros são homens, mas nós somos corajosas.

afrodescendentes têm tratado em suas obras. Através da grande qualidade estética de sua produção, Morrison claramente presume uma preocupação com a condição social, injustamente inferiorizada, de mulheres negras na sociedade estadunidense patriarcal e eurocêntricas.

O Olho Mais Azul é marcado pela forte representação de tanto a violência física quanto a simbólica contra as mulheres negras. Desenvolvido no espaço ficcional de Lorain, Ohio, nos anos 1930, o romance focaliza as experiências de duas personagens centrais, que são meninas afro-estadunidenses de famílias pobres: a narradora Claudia McTeer, e sua colega Pecola Breedlove. O romance pode ser lido como um *bildungsroman*, tendo em vista o foco no desenvolvimento e aprendizado dessas meninas. Ao narrar em retrospectiva a infeliz trajetória de Pecola, a narradora avalia também sua própria história.

As principais questões que exploro ao longo deste artigo envolvem: a maneira como Morrison utiliza elementos literários para expor e denunciar a violência física e simbólica que sofrem as mulheres negras; a forma pela qual a escritora realiza sua prática como meio de resistência contra ideologias dominantes, assim como meio de resgate de identidades positivas para essas mulheres negras, articulando as culturas e experiências híbridas delas.

Esse romance difere do *bildungsroman* clássico em virtude, dentre outras questões, da voz narrativa: enquanto no gênero clássico, o protagonista é geralmente masculino e branco, no romance de Morrison, a narradora que desenvolve a autoridade moral e narrativa é uma menina negra. Esse é o primeiro passo de Morrison ao propor uma revisão na representação da subjetividade feminina negra, isto é, a partir da perspectiva de uma criança negra e seu desenvolvimento até a fase adulta, em sua sociedade patriarcal e racista. É por meio dessa voz que Morrison dá início à construção de um discurso dialógico de diferença (HENDERSON, 2000) e, portanto, contra-hegemônico, embora a personagem Claudia – enquanto menina – não tenha consciência plena dessa necessidade de quebrar as convenções da cultura dominante e reescrever uma subjetividade feminina negra complexa e heterogênea.

Como narradora que tenha a autoridade ética, Claudia constrói uma dialógica de diferença pelo controle da atribuição de fala às/aos demais personagens, e essa diversidade de vozes representa a dialética da identidade complexa dessas/es personagens que, embora se encontrem em um contexto social opressor, com condições relativamente semelhantes, são heterogêneo/as em função, dentre outros aspectos, de suas experiências singulares. Partindo de uma perspectiva discursiva diferencial – racial e de gênero, a narradora estabelece, em sua totalidade, um discurso contra-hegemônico que possa contestar as

concepções e convenções do paradigma ocidental em relação à raça e gênero, convidando a releitura e o repensar, na vida real, das experiências e da subjetividade complexa das pessoas negras, especificamente, das mulheres negras.

Na perspectiva da crítica literária norte-americana Anne Salvatore, Morrison constrói uma forma híbrida do *bildungsroman*, em que o uso de um par de personagens centrais possibilita uma antítese à perda de esperança e ao desespero, resultado daquele contexto social hostil, fazendo com que seja possível o desenvolvimento de forças contrárias em uma circunstância extremamente opressora para o sujeito feminino negro (SALVATORE, 2002). Podemos observar que o uso de duas personagens centrais é uma forma de Morrison mostrar que nem todas as mulheres negras reagem da mesma forma perante à inferiorização injusta que sofrem em seus contextos sociais. Morrison desconstrói representações homogeneizantes e distorcidas dessas mulheres, como tem ocorrido historicamente na historiografia e ficção tradicionais.

O tempo e espaço narrativos dessa obra são importantes para a contextualização das experiências vivenciadas pelas famílias dessas garotas: a história se desenrola em meados da Grande Depressão, um período em que a situação das mulheres negras e dos homens negros foi agravada, por estarem posicionadas/os na base da pirâmide social. Sabemos que as famílias brancas também foram atingidas pelas consequências negativas dessa crise. Entretanto, em função da lógica da subordinação estrutural (CRENSHAW, 2004), em que os grupos negros eram os mais fracos, cujo trabalho era explorado e desvalorizado – constituindo a base fundamental econômica, e cujas condições sociais já eram precárias, o impacto da crise exacerbou ainda mais a sua situação social.

A exploração do trabalho das pessoas negras, assim como a segregação plena delas dos indivíduos brancos ainda existia em Ohio nos anos 1930, embora as leis de Jim Crow tivessem sido revogadas desde 1887 naquele estado. O romance de Morrison retrata bem a realidade dessa época: as pessoas negras, em geral, moravam em áreas periféricas e em condições precárias, tiveram empregos informais sem direitos trabalhistas, seus filhos frequentavam escolas destinadas especificamente a crianças negras, e assim por diante. Nesse cenário, a ideologia predominante de que as/os brancas/os eram mais inteligentes, mais bonitas/os, enfim, superiores contribuía para a manutenção de preconceitos inter-raciais, e a exclusão dos indivíduos negros. Inseridas nesse contexto, as famílias de Claudia e Pecola são submetidas a essas realidades socioeconômicas opressivas.

Pecola vivencia um profundo e destrutivo processo de autodepreciação. Na escola, ela é ignorada e negligenciada por suas/seus professoras/es que “só a chamavam quando todos deveriam responder” (1994, p. 46). Além disso, ela é alvo de bullying, sendo insultada por colegas negras/os com nomes como "preta feia". Em uma ótica interseccional (CRENSHAW, 1989), podemos ver que as discriminações de raça, gênero, e classe são interligadas nesses casos; Pecola é abusada por ser uma menina negra e pobre. O abuso cometido por esses indivíduos, que também são negros, é resultante de sua internalização e naturalização de uma inferioridade da ‘raça negra’. Trata-se da reprodução da violência simbólica, tendo em vista que esses indivíduos negros buscam oprimir e destruir aquilo que também faz parte deles: ser negra/o. Apesar de ainda criança, em seu rico, doloroso e complexo processo de compreensão da intensidade, extensão e consequência de preconceitos de raça, Claudia percebe cada vez mais esta triste condição, como sua reflexão nos mostra:

Foi o desprezo deles mesmos por sua própria negritude que deu força ao primeiro insulto. Eles pareciam ter pego toda a sua ignorância cultivada calmamente, seu ódio por si mesmos minuciosamente aprendido, sua desesperança elaboradamente concebida e sugado tudo em um cone vulcânico de desprezo que tinha queimado durante eras nas cavidades das suas mentes – resfriado – e se derramado por lábios de indignação, consumindo tudo o que estava em seu caminho. Eles dançaram um balé macabro ao redor da vítima, a quem, para seu próprio bem, eles estavam dispostos a sacrificar no poço flamejante (1994, p. 65).

Nesse trecho, temos a sensação de que a voz narrativa é de uma adulta, em virtude da forte crítica a essas pessoas negras. Isto reforça minha hipótese de que, em diferentes momentos da narrativa, as vozes infantil e adulta de Claudia se misturam ou se confundem propositalmente, por diferentes motivos. Nesse caso, a confusão permite construir a crítica de forma contundente.

Percebendo que sua estigmatização é diretamente ligada à condição de ser negra, Pecola deseja ter olhos azuis, pois acredita que seria bem tratada por seus pais, professores e colegas. As características físicas brancas não têm sustentação concreta ou objetiva, mas foram incorporadas na ideologia dominante pela “supremacia branca” (BLAY; CHARLES, 2011) que construiu imagens de indivíduos brancos como bonitos, inteligentes e poderosos, e as pessoas negras como bárbaras e animais. Pecola não tem consciência da verdadeira

natureza dessa complexa realidade, e, assimilando os valores da ideologia dominante, passa a se estigmatizar.

Essa personagem então busca, com pequenos gestos, modificar suas características físicas, as quais são desvalorizadas naquele contexto social. Ela prefere beber de um copo no qual é gravada a imagem de uma menina branca, Shirley Temple que é atriz de filmes famosos sobre a infância de uma garota inteligente, alegre e amada. Shirley representa a ideologia dominante relacionada à suposta superioridade das pessoas brancas, e o gesto simbólico de Pecola de usar apenas esse copo aponta para seu desejo de transformação.

A postura de Claudia, personagem que também passa por diferentes formas de opressão por ser negra, difere totalmente daquela de Pecola. Claudia expressa sua aversão por Shirley Temple, uma vez que essa atriz comanda a atenção e afeto de Bojangles, um personagem negro do mesmo filme infantil, que, por ser um homem negro carinhoso, lembra a narradora de seu amigo, seu tio, seu pai. A relação de Shirley com Bojangles provoca em Claudia um sentimento de exclusão.

Como criança questionadora, Claudia procura entender, nos limites de sua perspectiva infantil, as ações e discursos de outrem pelas quais se sente oprimida. Oriunda de uma família mais unida do que a de Pecola, ela desenvolve qualidades de resistência e resiliência, necessárias para viver em sua realidade opressora. Um dos momentos em que se evidencia a atitude questionadora dessa personagem é quando ela desmonta uma boneca branca que ela havia ganhado dos pais como presente de natal. Ela diz,

Eu estava fisicamente revoltada e secretamente com medo daqueles olhos redondos idiotas, o rosto maquiado e cabelo sedoso. [...]. Eu tinha apenas um desejo: **desmembrá-la**. Para ver de que era feita, para **descobrir sua preciosidade**, para encontrar a beleza, o atrativo que me tinha escapado, mas, aparentemente, apenas a mim. Adultos, meninas mais velhas, lojas, revistas, jornais, anúncios de vitrine – o mundo todo tinha concordado que uma boneca de olhos azuis, cabelos loiros e pele rosada era o que toda menina estimava. [...]. Eu não poderia amá-la. Mas eu poderia examiná-la para ver o que era que todo o mundo dizia que se podia amar [...]. As pessoas mais velhas franziam a testa e diziam preocupadas: “Você-não-sabe-como-tomar-conta-de nada. Eu-nunca-tive-uma-bonequinha-na-minha-vida-e-chorava-muito-por-uma. Agora-você-tem-uma-uma-bonitinha-e-você-despedaça-elao-que-há-com-você?” (1994, p. 20-21, **ênfase minha**).

As palavras de Claudia exprimem seu desejo de compreender o motivo da boneca branca ser tão valorizada, se a qualidade visível tinha alguma relação com um valor intrínseco.

Ela busca entender a razão pela qual as meninas negras são mais vulneráveis às crueldades da sociedade, enquanto as meninas brancas são privilegiadas. Notamos que, a partir do exame de imagens concretas – em virtude de sua consciência infantil, Claudia vai construindo pensamentos abstratos sobre sua realidade. Isso aponta para o longo processo de seu desenvolvimento em uma eventual adulta crítico-reflexiva, que será capaz de analisar e discorrer, de forma mais madura e abstrata, sobre as relações humanas. Todavia, enquanto criança compreensivelmente incapaz de perceber a verdadeira natureza de sua inferiorização, ela busca entendê-la na materialidade de objetos aos quais são atribuídos valores.

Claudia percebe gradualmente que as ações e representações das pessoas, inclusive as de pessoas adultas negras foram responsáveis pela construção desses valores. Ela afirma que a coisa verdadeiramente assustadora, que ela não é capaz de destruir, é a reação de adultos negros a meninas brancas. Eles tratam as meninas brancas com mais delicadeza e atenção do que as meninas negras. Essa atitude sugere – absurdamente do ponto de vista das/os adultas/os negras/os – que brancas/os são mais humanas/os do que negras/os, e reflete o processo de naturalização da inferiorização, a violência simbólica (BOURDIEU, 2003) construída por essas pessoas. Ao internalizar e reproduzir discursos e práticas sociais dominantes que inferiorizam os indivíduos negros, as/os próprias/os adultas/os negras/os não percebem inicialmente que estão contribuindo para a perpetuação de sua opressão e a de suas/seus filhas/os.

A atitude de Claudia de questionar essa injusta condição, representa sua capacidade de enfrentar as ideologias e crenças opressoras da sua época, embora ela não as enxergue ainda nesses termos. A fase de impotência pela qual ela e Pecola passam é um estágio necessário que pode levá-las a tomar consciência de sua condição de ser mulher negra em uma sociedade machista e racista, estimulando o desenvolvimento positivo da dupla consciência, essencial para a superação da opressão sofrida. O amadurecimento de Claudia nos remete à simbologia dos capítulos baseados no ciclo das quatro estações: seu gradual processo de crescimento envolve a tomada de consciência e o desenvolvimento da resistência, em busca de uma nova identidade, com a qual ela será valorizada e apreciada, passando para uma nova dimensão, a reexistência (SOUZA, 2009). Trata-se de um processo cíclico de amadurecimento, no qual Claudia se integra, diferentemente de Pecola, que não desenvolve o raciocínio crítico necessário para participar dessa mudança.

Observamos que o ambiente familiar de Pecola não lhe dá apoio emocional que poderia permitir ela supere a opressão do seu contexto social mais amplo, como ocorre no

caso de Cláudia. O abuso físico e emocional que Pecola sofre em casa agrava os danos psicológicos lhe causados. A interface de raça e gênero no ambiente familiar é grande influenciador no destino dessa personagem. Na cena narrada por Cláudia, observamos como se diferenciam as reações de Pecola e de seu irmão mais velho Sammy aos abusos físicos dos pais.

Havia uma diferença na reação das crianças a essas batalhas. Sammy xingava por um tempo, ou saía de casa, ou atirava-se na briga. Ele era conhecido, quando tinha quatorze anos, por ter fugido de casa nada menos do que vinte e sete vezes. Uma vez ele chegou a Buffalo e ficou lá três meses. Seus retornos, fosse por força ou circunstância, eram de mau humor. Pecola, por outro lado, limitada por juventude e sexo, experimentava métodos de resistência. Embora os métodos variassem, a dor era tão consistente quanto profunda. Ela lutava entre um desejo irresistível de que um [dos pais] matasse o outro e um profundo desejo de que ela mesma morresse (1994, p. 43).

Por ser menino, Sammy pode sair de casa e buscar sobreviver nas ruas, enquanto Pecola, fragilizada por sua condição de dupla opressão – ela é menina e é negra, não consegue reagir a essa violência que presencia na família. Pecola é obrigada a continuar em casa, mesmo após sofrer o abuso sexual do pai e o verbal da mãe. Notamos que as atitudes distintas dos irmãos são resultado da maneira como meninas e meninos são socializadas/os, com base nos valores culturais patriarcais. Enquanto as meninas são ensinadas a serem submissas e passivas, os meninos são socializados a serem ativos, controladores, rebeldes. Não encontrando a força dentro de si para resistir sua cruel realidade, Pecola sofre um colapso nervoso do qual não se recupera.

É importante refletirmos sobre as implicações simbólicas da ausência de voz [*voicelessness*] (DAVIES; FIDO, 1991), não apenas de Pecola mas também de Cláudia, ainda em tenra idade. Observamos no romance muitos monólogos da narradora. O uso do monólogo interior é característica do romance psicológico que tem ênfase no fluxo de consciência das/dos personagens centrais. Ao basear-se no historiador estadunidense Norman Friedman, a pesquisadora brasileira Ligia Moraes Leite explica a relação entre o monólogo interior e o fluxo de consciência: o primeiro se refere a um aprofundamento dos processos mentais, gerando um fluxo constante de pensamentos expressados por uma linguagem mais delicada. A pesquisadora descreve esse processo como o “deslizar do

monólogo interior para o fluxo de consciência” (1999, p. 68), em que não há uma sequência lógica de expressão, e o inconsciente parece se manifestar.

A escolha de Morrison de utilizar o monólogo interior e o fluxo de consciência serve aos objetivos do livro, porque ilustram a necessária interiorização das personagens, como parte do processo de crescimento, no caso da narradora. Enquanto criança, Claudia não fala para o ‘dominante branco’, ao invés, ela fala para si mesma, aspecto que traz a reflexão sobre a ausência de voz, ao mesmo tempo em que sinaliza para um rico processo de amadurecimento dessa personagem narradora. Sua reflexão introspectiva permite a construção de uma autoconsciência, a qual faz com que ela possa fortalecer sua atitude de resistência, e desenvolver um discurso contra-hegemônico mais pela frente.

Com efeito, o ponto de vista do romance põe em relevo a questão da ausência das vozes narrativas das/os negras/os, que representam na ficção, o que ocorre na vida real: as pessoas negras não são ouvidas. Entretanto, como Claudia, elas têm desenvolvido uma atitude crítico-reflexiva e de resistência, que lhes permite avançar emocionalmente como seres humanos, apesar dos vários obstáculos.

Esse romance traz uma crítica contundente à sociedade, cujas forças dominantes são capazes de destruir os indivíduos mais vulneráveis. Assim, estimula a reflexão sobre o relacionamento humano e as forças destrutivas da violência, não apenas física, mas também moral e simbólica que as pessoas negras, cruelmente transplantadas de suas raízes e forçadas a viver em situação de cruel e injusta escravidão, sofrem.

Essa obra foi muito relevante para a época de sua publicação – e ainda tem relevância –, tendo em vista sua grande contribuição para a visibilidade das experiências das mulheres negras. Foi em um momento em que as mulheres negras não tiveram articulação de voz, no sentido de que não foram ouvidas. A publicação dessa obra recebeu diversas críticas tanto de homens negros e mulheres negras que temiam a agravação dos estereótipos que lhes impostos pela população branca.

Em nossa leitura, Morrison teve esse cuidado de evitar a reprodução de um discurso estereotipado, pelo uso de personagens com destinos distintos, como já observamos. No pós-fácio do romance, a escritora destaca que a reação de submissão de Pecola é “singular”, construída para expor e denunciar a opressão causada pelo desprezo racial, o que, na verdade, era algo que atingia e afetava as mulheres negras em geral:

Concentrei-me [...] em algo bastante grotesco: em que medida a demonização de uma raça inteira poderia criar raízes dentro de um membro mais delicado de uma sociedade, uma criança, o membro mais vulnerável, uma mulher. Ao buscar dramatizar a devastação que o desprezo racial pode causar, escolhi uma situação singular, não uma representativa. A extremidade do caso de Pecola se deu, principalmente, em função de uma família destruída – diferente da família negra comum e diferente da família da narradora. Porém, por mais que a vida de Pecola seja singular, acredito que alguns aspectos de sua vulnerabilidade têm raízes dentro de todas as meninas negras (1994, p. 210).

Com o término da escravidão, a necessidade de uma reparação eficiente dos danos a as pessoas negras nunca foi reconhecida pelo país do qual elas vieram a fazer parte. Ao contrário, elas foram sujeitas a diversas formas de preconceitos e opressões em uma sociedade decidida a mantê-las subjugadas. Apesar dessa condição opressora, um crescente número de pessoas negras, mulheres como a personagem Cláudia, têm desenvolvido capacidades crítico-reflexivas para pensar, reagir e registrar, denunciando as injustiças sofridas. Ou seja, a situação de opressão está mudando gradualmente, na medida em que essas mulheres intelectuais continuam sendo um apoio para aqueles indivíduos negros que, sozinhos, não conseguem transcender a opressão, e que, esporadicamente, nos ciclos de suas vidas, como Pecola, fracassam.

REFERÊNCIAS

BLAY, Yaba; CHARLES, Christopher. Skin Bleaching and Global White Supremacy. **The Journal of Pan African Studies**, v. 4, n. 4, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: **Cruzamento: raça e gênero**. UNIFEM – Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher, Rio de Janeiro, 2004, p. 7-19. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>> Acesso em: 12.11.2014.

DAVIES, Carole Boyce. **Black women, writing and identity**. New York: Routledge, 1994.

FELSKI, Rita. **Literature after feminism**. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

HENDERSON, Mae Gwendolyn. Speaking in tongues: dialogics dialectics, and the black woman writer's literary tradition. In: NAPIER, W. (ed). **African American literary theory: a reader**. New York: New York University Press, 2000.

HULL, Gloria; BELL-SCOTT, Patricia; SMITH, Barbara. **All the women are White, all the Blacks are men, but some of us are brave**: Black women's studies. Old Westbury, N.Y.: Feminist Press, 1982.

MIGUEL, Luis Felipe. Perspectivas sociais e dominação simbólica: a presença política das mulheres entre Iris Marion Young e Pierre Bourdieu. **Revista Sociologia PósLit.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 25-49, 2010.

MORRISON, Toni. **The Bluest Eye**. New York: Plume Book, 1994.

SALVATORE, Anne. Toni Morrison's new bildungsromane: paired characters and antithetical form in *The Bluest Eye*, *Sula*, and *Beloved*. **Journal of Narrative Theory**, v. 32, n. 2, p. 154-178, 2002.

SMITH, Barbara. **Toward a black feminist criticism**. Brooklyn, N.Y.: Out & Out Books; Trumansburg, N.Y., Distributed by Crossing Press, 1980.

SOUZA, Ana Lúcia, S. **Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip hop**. 2009. Tese (Doutorado), Universidade de Campinas, São Paulo.